

O Seminário – livro 2- “o eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise”

Em 1954-1955, Lacan se propõe a continuar a trabalhar os conceitos já introduzidos no Seminário 1. Pensar o alcance deles em relação tanto à teoria psicanalítica quanto à técnica da psicanálise.

A língua francesa permite dois usos para os pronomes pessoais da primeira pessoa, *je* e *moi*. Lacan distingue o primeiro, sujeito do inconsciente *Eu (je)* do segundo *eu (moi)*, este como função imaginária.

Dedica-se à leitura da “Segunda Tópica” freudiana, com o objetivo de trazer de volta o *eu* a seu lugar, o *moi*, que começava a deslizar, e também restabelecer a diferença do sujeito da psicanálise deste *eu (moi)*. Uma árdua tarefa com o cenário psicanalítico de sua época.

O *eu (moi)*, deve ser tomado como um objeto no interior da experiência do sujeito, diz Lacan, objeto que preenche uma função imaginária.

Para trazer de volta a seu lugar o *eu*, Lacan buscará analogias entre a ordem simbólica e a termodinâmica, a cibernética e a teoria dos jogos.

“Fale o que lhe vier à cabeça”, essa é a regra do jogo, fale livremente, e nesse espaço livre e aleatório de fala, surgem os tropeços, os lapsos, os silêncios repetidos no mesmo lugar. Formações inconscientes que vão dando a esta série, que parecia aleatória, um sentido de repetição. Pretende mostrar que para a Psicanálise, a relação de fala não é simplesmente uma relação de aleatoriedade.

A partir da “Pulsão de Morte” que surge na Segunda Tópica, da compulsão à repetição e dos sistemas *Isso*, *Eu* e *Supereu*, Lacan sugerirá um esquema próprio, um primeiro, esquema com a sua inicial, o “L”.

Neste esquema trabalhará a relação de *S* (Sujeito e, por homofonia, a palavra alemã *Es* – *Isso*), com o *a*’, que aqui representa o pequeno outro, o objeto. E que é dessa relação que algo do *eu*, a (*moi*), é resultante. E adverte com a ordem do Outro radical, a ordem do simbólico, representado pelo *A* maiúsculo, que perturba a função imaginária do *eu*. Essa distinção entre dois outros, “um outro com *A* maiúsculo e um outro com a minúsculo, o *eu*”, lança Lacan na discussão sobre a ordem simbólica.

Da obra de Andrea Mantegna -*La Crocifissione* (1457-1459), uma cena ilustra a capa do Seminário em português. Em uma passagem bíblica da crucificação de Cristo, é possível ver dois soldados romanos em uma espécie de jogo para ver quem fica com as vestes de Cristo. Par ou ímpar?

A partir de sua análise do conto de Edgar Allan Poe, “A carta roubada”, Lacan destacará que o desejo se encontra no campo do simbólico, portanto, no campo do jogo.

Nos apresenta a história de uma personagem de Poe, um menino, que nunca perdia no jogo de par ou ímpar porque sabia, através de uma relação imaginária com o outro, prever qual seria a sua jogada.

Além dessa passagem pontual sobre o jogo, o conto narra a história de um ministro que rouba uma carta confidencial da rainha e de como o detetive Dupin consegue recuperá-la. Lacan lembra que em momento nenhum o conteúdo da carta é mencionado, ou até mesmo sabido, e mesmo assim as personagens vão se transformando à medida em que a carta muda de posição.

Quatro personagens, Dupin, o ministro, a polícia e a carta. Uma situação replicada da primeira cena, mostrando que é preciso um segundo evento que reatualiza

o primeiro. A carta (*lettre*) nunca está onde se crê. Daí Lacan dizer que a carta do conto “era o inconsciente dos diversos sujeitos que se vão sucedendo como seus possuidores”.

Assim funciona a estrutura. Ela tem lugares que se repetem com a mudança de personagens, sujeitos a uma substituição o tempo todo. Aleatoriedade que tem certas regras.

O conhecimento humano é da mesma esfera da consciência, é constituído por uma certa relação a essa estrutura que chamamos de ego, em torno da qual, centra-se a relação imaginária. Ego, o eu, e imaginário andam juntos.

O ego/eu nunca é apenas o sujeito, ele é essencialmente em relação a que o sujeito toma seu ponto de partida e de apoio, e a partir deste ego, que todos os objetos são olhados.

Por este ego, todos os objetos são desejados.

Ali onde eu sei o que eu quero e não sei o que eu sou e, ali onde eu sei o que eu sou, não consigo mais acessar o que eu quero. O desejo surge de um rolar de dados.

À leitura deste seminário, nos dedicaremos em 2023.

Lucia Bertazzoli e Simone Teller